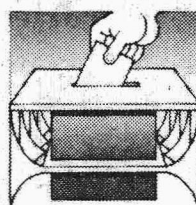


PRN festeja vitória e prepara alianças

Fernando Collor de Mello, do PRN, acordou ontem duas horas antes do previsto, saiu de casa impaciente e tenso, preocupado com os erros que os eleitores poderiam cometer ao marcar seu nome. Mas ao entrar na escola estadual Diegues Júnior, em Maceió, para votar, o candidato mostrou-se seguro.



No bolso, tinha uma caneta de ouro, com a qual pretendia marcar o seu nome na cédula. Acabou aceitando uma cross prateada, emprestada por um eleitor, e em seguida viajou para Brasília, já pensando nas alianças que terá de formar para ganhar a disputa do segundo turno e chegar ao Planalto.

PATRICIA ZAIDAN

As 7 horas da manhã, a copeira Fátima Soares bateu afilada à porta da suite principal da mais bela mansão do bairro Serraria, em Maceió.

— Senhor Fernando, já passa da hora — informou, apressada.

Chamava, com meia hora de atraso, o candidato mais cotado pelas pesquisas eleitorais para obter uma vaga no segundo turno. Fernando Collor de Mello estava acordado havia pelo menos duas horas.

Pouco mais tarde, assinalava na cédula eleitoral seu próprio nome para presidente da República.

Antes de sair para votar — impaciente e tenso —, observou o tucano que a mulher, Rosane, mantém no viveiro do jardim da casa. Sem falar nada, Collor fitou a ave que, como por um acaso do destino, chamava a atenção por estar separada das araras avermelhadas, também criadas no viveiro. Os assessores do candidato do PRN têm declarado receio de uma disputa entre o senador Mário Covas e o ex-governador de Alagoas. O tucano é dono das maiores chances de costurar apoios e derrotar Collor. O senador arrebanharia políticos incompatibilizados com Collor, não apenas da esquerda e do centro mas até da direita — operação em que não se saíam bem Lula ou Brizola.

Às 8h20, Collor cruzava o portão da Escola Estadual Diegues Júnior, em Pajussara, pronto para votar. Vestia camisa imaculadamente branca e calça azul escuro. Só o motorista do Monza cinza havia escutado o desabafo feito pelo candidato à mulher, no caminho da urna: “Será que essa nossa gente vai saber fazer o ‘x’ na cédula?”, duvidou. Depois, diante dos jornalistas do País inteiro, não deixou transparecer qualquer dúvida. Na porta da seção 136, Collor era só certeza e confiança. “Vamos ganhar”, antecipava.

Joelhos discreta e elegantemente à mostra, sob a roupa justa de seda estampada, Rosane Collor de Mello segurou a mão do marido todo o tempo. Collor poderia ter votado em qualquer seção eleitoral do País, mas preferiu depositar a cédula no local onde sempre votou, o prédio desbotado, da Escola Diegues Júnior, construído há 72 anos, próximo à casa em que passou parte da infância. “Superstição”, diagnosticou Pedro, o irmão mais novo do candidato.

Odete Maria Almeida, a diretora da escola, colloriu de verde e amarelo a sala em que o ex-governador foi votar. A homenagem se completaria no quadro negro onde ela havia escrito: “um novo Brasil”. Alertada sobre proibições da

Justiça Eleitoral ao trabalho de boca de urna, Odete culpou a sua “ingenuidade” pelo deslize de reproduzir na lousa o slogan do candidato do PRN, que antes de votar, apertou firme a mão do presidente da seção, Gelvan Oliveira Santos.

SEGUNDO TURNO

Collor trazia no bolso da camisa a caneta de ouro com a qual assinalaria seu primeiro voto para presidente. Não a usou. Preferiu aceitar uma Cross prateada oferecida por um eleitor. Na cabine de papelão da Justiça Eleitoral, Collor votou sob as lentes e os olhos atentos dos jornalistas. Atendeu aos pedidos de pose, fez positivo com o dedo polegar, sorriu para um lado e para o outro. Tudo com muita calma para permitir o registro das imagens.

Era um homem diferente do touro em campanha que demonstrou ser nos últimos três meses, na árdua empreitada de correr o País debaixo de chuva, sol e poeira. Missão cumprida até aqui, Collor não escondeu o suspiro de alívio de quem chegou com poucos arranhões à reta final, conservando a liderança nas pesquisas.

Depois, foi para o aeroporto pensando nas alianças que começariam a se formar ontem mesmo. A começar pelo senador Affonso Camargo, candidato a presidente do PTB, primeiro de uma lista de seis políticos, que ele deve procurar. Sexta-feira,

A diretora do colégio em que Collor votou, em Maceió, escreveu no quadro-negro o lema da campanha do PRN. “Vamos ganhar”, afirmou o candidato, na hora de colocar a cédula na urna.

os principais cérebros da campanha do PRN vão se reunir em Belo Horizonte para iniciar a tentativa de sedução a Paulo Maluf, e Guilherme Afif Domingos, entre outros candidatos que não passaram no primeiro turno.

Quando o avião decolou, levando o candidato e seus assessores, de Maceió a Brasília, a copeira Fátima ainda não havia terminado de lavar a louça do café (pão de sêda, queijo, leite e frutas) servido, com ajuda da cozinheira Eunice, ao casal Collor de Mello, na mesa redonda de mármore à piscina.

A festa da vitória de Fernando Collor de Mello pode ser anunciada ainda hoje, se a apuração dos primeiros resultados confirmar a previsão feita ontem pelas pesquisas de boca de urna, que apontavam o candidato do PRN como o grande vencedor da eleição. Collor tinha cerca de 30% das intenções de votos e estava mais de 10 pontos percentuais na frente dos que disputam a outra vaga para o segundo turno.



Josenildo Tenório/AE

Collor, em Maceió: passaporte para o 2º turno